

Captação histórica

No mesmo dia em que ficou mais perto do grau de investimento, o Brasil conseguiu captar recursos no mercado internacional com o menor custo já registrado para papéis em reais. O Tesouro Nacional emitiu um total de R\$ 750 milhões em bônus em moeda brasileira com vencimento em 2028. A operação, liderada pelos bancos Deutsche Bank Securities e HSBC Securities (USA), resultará numa taxa de retorno para o investidor de 8,938% ao ano — o menor percentual já obtido para bônus em reais.

Isso significa que os investidores estão aceitando receber uma remuneração menor para ter o papel brasileiro, o que torna a dívida mais barata para o governo. A operação foi estendida ainda hoje ao mercado asiático. Neste caso, o Brasil pretende captar até R\$ 37,5 milhões. De acordo com o Tesouro Nacional, quando esse papel — chamado de Global BRL 2028 — foi lançado no mercado, em fevereiro de 2007, a taxa de retorno para os aplicadores chegou a 10,68% ao ano. Numa segunda emissão ocorrida em março, o percentual baixou para 10,28% ao ano.

Os títulos emitidos hoje terão cupom de juros de 10,25% ao ano e foram ofertados a 112,25% de seu valor de face. Ou seja, os investidores também aceitaram pagar um ágio para adquirir os bônus. Por isso o retorno final para o comprador é menor. "Essa é a vantagem de ser um país mais seguro", comemorou o ministro da Fazenda, Guido Mantega.

Compulsórios

A boa notícia de um lado não fez o ministro Guido Mantega suavizar o tom em outro assunto. Ele mandou um recado claro aos bancos, que só terão mais dinheiro disponível para emprestar se reduzirem o juro cobrado nos financiamentos a pessoas e empresas. "Só vamos pensar em mexer nos compulsórios depois que os bancos privados reduzirem os spreads", disse. Os depósitos compulsórios são os recursos que os bancos são obrigados a recolher ao Banco Central. O spread bancário é a diferença entre o custo de captação dos bancos e o juro cobrado dos clientes.

Nas duas últimas semanas, o ministro reforçou a pressão sobre os bancos para reduzirem os juros dos empréstimos bancários, que têm caído em doses mais lentas do que a taxa de juros básica da economia, a Selic. Mantega acha que os bancos podem fazer mais e vai se reunir nos próximos dias com dirigentes da Federação Brasileira de Bancos (Febraban).